



Resistência Camponesa

Jornal da Luta Combativa
dos Camponeses Pobres

Nº 15 - Junho/2007 - Página na internet: www.lutacamponesabrasil.blogspot.com

Valor: R\$ 1,00



Camponeses criam as Assembléias do Poder Popular

Na região de Jacinópolis os camponeses desde o ano passado criaram as Assembléias do Poder Popular, que são mais do que assembléias comuns, são órgãos de poder onde os camponeses decidem sobre todos os assuntos de sua vida. Nas Assembléias do Poder Popular os camponeses criam, executam e julgam suas leis de acordo com os interesses da população da área, da região e até do país. Para ilustrar este espírito utilizam uma frase *"somente mandando onde vivemos é que poderemos um dia mandar no país"*.

Os camponeses explicam que estas Assembléias foram criadas pela necessidade de resolver os problemas pelas suas próprias mãos elevando seu nível de organização independente, uma vez que o Estado burguês latifundiário não serve aos interesses do povo pobre. *Leia mais nas páginas 09, 10 e 11*

Leia nesta edição:

Situação da luta pela terra pág. 03, 04 e 05

Quem são os bandidos em Jacinópolis? pág. 06, 07 e 08

O povo constrói suas estradas pág. 11

Resistência Iraquiana:
4 anos de guerra pela libertação pág. 14

Julgamento:
Cai por terra 4 anos de injustiças pág. 16

Tomar todas as terras do latifúndio!

Editorial

Desde os meses de janeiro e fevereiro a imprensa a serviço do latifúndio desatou uma série de denúncias mentirosas em que diziam sobre grupos armados de camponeses, treinamento de guerrilha, crimes ambientais etc. O mesmo discurso fascista que utilizam as tropas americanas para invadir o Iraque, de que o povo tem armas, é utilizado para justificar as agressões de todo tipo contra o povo pobre em Rondônia.

O objetivo era preparar terreno para que a polícia e os bandos armados do latifúndio atacassem o movimento camponês. Operações militares foram realizadas em várias áreas de conflito agrário, tratando como crime um problema social. A polícia aterrorizou, torturou e interrogou pessoas inocentes, trabalhadores cujo único "crime" é serem pobres e lutarem por seus direitos.

A mesma imprensa que ataca os camponeses por supostos crimes ambientais se cala diante do projeto da construção de usinas no Rio Madeira que causarão de uma só vez mil vezes mais danos ao meio ambiente. Propagandeiam estas obras com ares de progresso e desenvolvimento quando na verdade servirão nada mais nada menos para acelerar o saque de nossas riquezas e o maior controle da Amazônia pelos gringos uma vez que são os maiores interessados. Ou seja, para manter o Brasil como semi colônia exportadora de matéria prima.

Nenhuma das acusações levianas pronunciadas nas páginas

suas destes jornais foi comprovada, pelo contrário, o que vemos é a confirmação de que a polícia e justiça atuam de forma a acobertar os verdadeiros criminosos, os latifundiários.

A onda de ataques aos camponeses segue com despejos, perseguições, processos e assassinatos. O Inkra e a Ouvidoria Agrária diante destes fatos cruzam os braços e dizem que nada podem fazer, confirmando que deste governo não sai reforma agrária nenhuma mesmo.

Mas os camponeses não se abalam, seguem lutando e resistindo, o que os move é a mesma razão pela qual centenas de milhares lutam em todo o país, a enorme concentração de terras nas mãos do latifúndio, problema que demanda solução há 5 séculos.

Através da Revolução Agrária os camponeses destroem o latifúndio parte por parte. A consigna de "Tomar todas as terras do latifúndio" começa a se concretizar nas dezenas de tomadas que se espalham como pequenas faíscas e que anunciam o grande incêndio que se alastrará por todo o campo.

Os camponeses não querem viver como antes, ensaiam os primeiros passos na construção de novas organizações independentes, constroem as Assembléias do Poder Popular onde decidem eles mesmos todos os assuntos de interesse das comunidades e áreas onde vivem e trabalham.

Carta de um morador de Jacinópolis

Em abril de 2007 a polícia atacou mais uma vez o distrito de Jacinópolis, para apurar as denúncias mentirosas feitas por pessoas que não querem que o camponês tenha seu lugar, fazendeiros da região como Catâneo, com 19 fazendas só em Rondônia, Geraldo Coletto, que possui 5 fazendas grandes, uma delas na região de Campo Novo e Nova Mamoré, tem 45 mil alqueires de terras griladas da União.

Para proteger suas terras matam sem piedade, pistoleiros e policiais ganham por cabeça, ganha mais quem mata mais, até acabaram com um projeto de cidade que existiu no final da BR 421 que se chama Jacilândia, um lugar muito bonito com cachoeiras e rios que poderia ser um ponto turístico. Hoje só existem marcas do terror, casas velhas abandonadas e algumas pessoas assustadas. Mais de 60 pessoas foram assassinadas em um só dia e jogadas no rio Jaci-Paraná.

O Nelson Botelho é um fazendeiro da região, acredita que o serviço de um bando armado particular vai garantir a segurança de suas terras. É dono de grandes áreas griladas da União com cinco fazendas no estado e outras duas no Mato Grosso e tem um responsável para agenciar pistoleiros que se chama Donizete "Muagem" que atua junto com o ex-gerente José Raimundo. A fazenda Botelho mantém 15 homens só para matar, muitos deles andam armados dentro de Jacinópolis a luz do dia, atiram para cima, jogam cascas de balas no chão e falam que os moradores tem que respeitar a fazenda. Os pistoleiros mais conhecidos são Aguinaldo, Rivaldo vulgo "Neguinho", Adécio da Luz que matou quatro trabalhadores em 2003 em Jacinópolis, foi preso e absolvido imediatamente, o Dodô que assassinou várias pessoas em Jacinópolis e outros que nem sabemos nomes e apelidos.

Desde 2006, mais de 8 moradores foram assassinados. Todos mortos a mando de fazendeiros da região, mas que a polícia insiste em acusar como responsáveis os camponeses. Estão perseguindo trabalhadores da região como foi o caso dos 3 irmãos Sebastião, Alceli e Derci e do administrador Valberto.

O Inkra não está se preocupando com os assentamentos em Rondônia porque é um órgão falido, sem compromisso com sua responsabilidade, que só chega depois que as terras foram banhadas com sangue dos trabalhadores. Mas o povo sabe que tudo isso é para dar oportunidade aos fazendeiros para grilar as terras, matar, explorar as madeiras e fazer formação de pastagem ou planos manejos.

Tudo isso é para deixar o povo cada vez mais pobre, hoje na frente de tantos problemas não se levanta um político para procurar o que o povo está precisando. O prefeito de Buritis, o Volpi que é do PT disse que bandidos têm mesmo que ser punidos sem conhecimento do que se trata. Quem é acusado de bandido são os moradores de Jacinópolis, pessoas que tem muito mais referência de melhores trabalhos prestados ao povo do que todos os políticos corruptos juntos.

Estes políticos que nada fazem para ajudar Jacinópolis ajudam a polícia destruir o que o povo com suas próprias forças construiu.

Nós moradores de Jacinópolis acreditamos que a justiça nunca foi para os pobres, nós filhos do povo pobre de todo Brasil precisamos de um exército dos menos favorecidos porque os latifundiários mandam matar os pobres e depois mandam prender pessoas simples e trabalhadoras. Mais uma vez vemos que votar nunca mudou e nunca vai mudar nada, que só uma Revolução Agrária poderá mudar este país.

O jornal Folha de Rondônia publicou que Jacinópolis é uma cidade sem lei acusando que moradores não colaboram com a justiça. Que a LCP está aterrorizando Jacinópolis. Os moradores de Jacinópolis não colaboram com a justiça porque ela não reconhece os direitos dos pequenos proprietários, que são pessoas trabalhadoras e que a polícia com o apoio dos jornais não pára de prender e chamar de bandidos. Portanto não reconhecemos esta justiça que só serve para nos humilhar e reprimir.

José Batista Lins - Trabalhador e morador de Jacinópolis. 

Situação da luta pela terra

Incrá é só enrolação

No dia 25 de abril realizou-se no Incra em Porto Velho uma audiência com o superintendente Olavo Nienow e Ouvidor Agrário Gercino José da Silva. Participaram 11 companheiros da LCP representando as áreas de Cujubim, Rio Crespo, Theobroma e Ariquemes. A reunião teve como objetivo discutir os despejos que ameaçam várias áreas. Tanto o Ouvidor Agrário como o Incra disseram que nada podem fazer.

Na região de Theobroma apenas o burareiro 243 deverá ser regularizado. Como disse um companheiro *“do bolo não saiu nem a migalha”*.

Outra questão polêmica foi em relação ao acampamento Lamarquinha, área ocupada pela LCP e que o Incra manobrou para colocar famílias ligadas ao MST, inclusive pagando transporte delas, com isso o Incra quis jogar um movimento contra o outro. Para não gerar conflito com a massa os companheiros da LCP aceitaram ser assentados em outra área na região de Rio Crespo, inclusive por que as famílias do MST estavam sendo jogadas de um canto para outro há mais de 10 anos. Só que o Incra prometeu assentar as famílias e no entanto chegou a dar 4 lotes na mesma área para fazendeiros. Na reunião a posição dos representantes da LCP foi de não fazer mais acordos com o Incra, pois sempre deixa de cumprir com sua palavra.

Despejo no Canaã

Cerca de 25 policiais estiveram na área do Canaã e despejaram as famílias de suas casas, praticaram todo tipo de humilhações aos camponeses, inclusive deixando as pessoas com fome e sede. Qualquer um que tentasse conversar eles diziam para calar a boca, pois senão seria algemado e preso. Queimaram os barracos e até mesmo as galinhas chocadeiras. Os camponeses foram levados para a delegacia, onde foram tratados como criminosos. Todos, inclusive crianças foram obrigados a prestar depoimento, tirar foto de frente e perfil e assinar um termo para depor no próximo dia 19. Após o despejo cerca de 10 jagunços armados fazem a segurança da área. Apesar das ameaças as famílias estão dispostas a voltar o mais rápido possível.

Famílias retomam as terras no acampamento Raio do Sol

O acampamento fica na linha C-50 no município de Ariquemes, possui cerca de 40 famílias todas construíram casas no lote.

O latifundiário tentou comprar as lideranças oferecendo 30 mil reais para que saíssem da terra. A resposta dos camponeses foi imediata, nossa dignidade não está a venda, queremos a terra para trabalhar.

No dia 24 de abril ocorreu o despejo das famílias, 8 policiais, o advogado Josué Leite, a fazendeira Maria Diana Mercedes e um pistoleiro participaram da operação, ao todo foram utilizados 1 ônibus, 2 viaturas e um veículo da fazenda. O advogado e o pistoleiro atearam fogo



Camponeses mostram parte de sua produção

em 8 barracos de palha e uma casa de madeira. Não satisfeitos com tanta maldade queimaram a produção de um ano inteiro, pilhas de arroz e milho na frente da polícia. O arroz dava para 3 famílias passarem o ano. O milho dava para tratar as criações por um ano ou mais. Também arrancaram dezenas de plantas.

A operação de despejo durou de 9 da manhã às 3 da tarde.

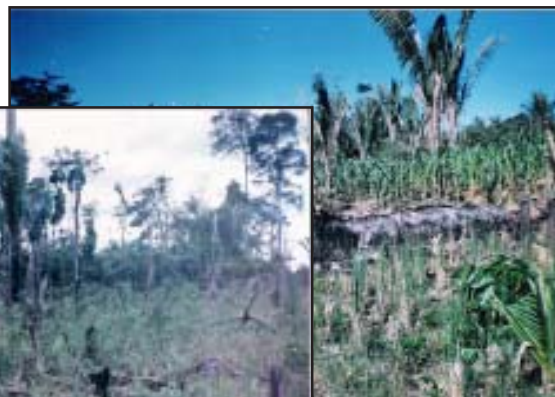
As casas queimadas, os companheiros tiveram que tirar da boca de seus filhos para construir, investindo 3 mil reais para serrar madeira e comprar telha de eternit.

O advogado ameaçou os camponeses dizendo que se retornassem para área ele iria levá-los para o Urso Branco. Este é o terceiro despejo que enfrentam na área. Apesar de todas estas investidas e ameaças os camponeses mantêm 5 alqueires de mandioca, 3 de arroz, 4 de milho, 10 hectares de feijão no ponto de colher, 500 covas de banana, 200 covas de cupuaçu, 250 covas de açaí de touceira e 1 alqueire de batata doce, etc.

Dois dias após o despejo as famílias decidiram retornar para a terra e reocuparam a fazenda e se preparam para reconstruir tudo que foi destruído com a solidariedade entre os companheiros. Esta terra fica numa área de dezenas de burareiros sem documentação e que mais e mais famílias estão se organizando para tomar. O objetivo das famílias é tomar todas as terras desta região criando uma extensa área onde vivam somente camponeses.



Camponês empilhando arroz.



Pilha de arroz queimado por policiais e jagunços



Ouvidoria Agrária cruza os braços diante da ação de milícias do latifúndio

No acampamento Gonçalo cerca de 150 famílias lutam pela terra desde 2001, sofreram vários despejos quando ainda estavam na fazenda Limajuti em Vale do Anari. Em 2005 o Incra e a Ouvidoria Agrária, para evitarem confronto chamaram os camponeses para uma reunião no quartel da PM em Jarú para



fazerem um acordo. A proposta da Ouvidoria Agrária e Incra foi de que as famílias acampassem na fazenda Pica Pau (hoje fazenda Oregon) composta por 5 burareiros de 420 alqueires cada um, na região de Theobroma, a área seria ajuizada, cortada e entregue aos camponeses.

No início de 2006 os camponeses entraram na área cortaram os lotes, construíram casas, estradas e possuem uma grande produção: 300 sacos de arroz, 20 litros plantados de feijão, 150 sacos de milho, 8 mil pés de café, 20 mil pés de mandioca, 4 mil covas de cana, 15 mil pés de banana, 5 mil pés de cacau, 300 pés de manga, 200 pés de coco, 300 pés de abacaxi, 200 pés de mamão, 200 pés de cupuaçu, 150 pés de jaca, 150 pés de caju, 100 pés de laranja, 50 pés de limão, 15 pés de acerola, 10 pés e jabuticaba, 1 saco de feijão de corda, 5 litros de amendoim plantado, 150 covas de tabaco, 217 aves, centenas de hortaliças e outras frutas.

Os moradores da região sofrem com malária, não têm assistência da Sucam, as estradas estão péssimas. Uma juíza de Ariquemes disse que não podem haver escolas e nem documentação de gado enquanto a área não for regularizada.

Os proprietários da fazenda moram em São Paulo e Brasília. A polícia já esteve 5 vezes no local, em pelo menos duas esteve junto o gerente da fazenda e jagunços. Recentemente estiveram a COE que utilizou veículos da fazenda para transportar soldados, disseram que estavam ali para procurar bandidos e fugitivos.

Em reunião no dia 25 de abril de 2007 com lideranças de várias áreas da Liga dos Camponeses Pobres em Porto Velho o Incra voltou atrás na promessa de cortar toda a área e disse que cortaria apenas dois burareiros, que são o 216 e 217. Mas o que aconteceu depois foi que policiais e pistoleiros expulsaram as famílias, inclusive destes dois burareiros.

No dia 17 de maio foi denunciado ao Incra e a Ouvidoria Agrária Nacional a presença de bandos armados na área, mas disseram que não tinham veículos disponíveis para averiguar e que quem iria seria o Major Apolônio. Não vai adiantar nada, pois no dia do despejo ele chegou ao acampamento junto dos pistoleiros fortemente armados. Ele viu e não fez nada. Quando são os latifundiários que denunciam, a polícia vai até os acampamentos



Mesmo com a promessa do INCRA de que as terras seriam entregues, as famílias da área Gonçalo foram despejadas

no mesmo dia, como aconteceu no acampamento José e Nélio em Jacinópolis onde uma denúncia vazia feita de manhã pelo latifundiário Geraldo Coletto da fazenda Condor de que os camponeses possuíam armas foi prontamente atendida pelos policiais na tarde do mesmo dia.

Famílias são expulsas e ameaçadas de morte

No dia 16 de maio de 2007 foram despejadas as famílias do acampamento Gonçalo. Participaram da operação cerca de 50 policiais militares de Ariquemes acompanhados de 25 jagunços que foram apresentados como “braçais”. Eles estavam fortemente armados. Além das 60 famílias acampadas foram despejadas mais 10 famílias que já estavam morando nos lotes.

A polícia e os jagunços entupiram 3 poços, molharam alimentos para que estragassem, estragaram uma parte das plantações dos camponeses, mataram galinhas e queimaram a igreja que era toda de madeira. Também queimaram os barracos de moradia dos camponeses diante das crianças que choraram. Os policiais ainda ficaram rindo e fazendo piadas dos camponeses. O major Apolônio, que comandou a ação de despejo disse que se precisasse eles dariam tiro. Ao todo foram gastos 500 mil reais na operação de despejo.

No dia 18 entraram na área 40 jagunços fortemente armados acompanhados de um dos pretensos proprietários da área e seu gerente, com tratores e vários veículos. Despejaram outras 40 famílias que resistiam nos lotes, dizendo que se não saíssem por bem sairiam por mal, que eles não tinham dó nem de si mesmos muito menos dos outros e que estavam prontos para matar. Eles comentaram que não trabalham por menos de R\$100,00 a diária, mais uma prova de que não são meros “braçais”.

Os objetos das famílias foram amontoados nos tratores. Os camponeses que sempre produziram, têm na área arroz na hora de colher, feijão para bater, milho para quebrar, além de porcos e galinhas que não podem retirar, pois os jagunços ameaçam matar quem entrar na área. Os bandos armados mostram ostensivamente suas armas e dizem que têm muito mais. Até no dia 20 os jagunços continuavam na área e um avião ainda sobrevoava o novo acampamento dos camponeses, possivelmente fotografando e filmando.

Camponeses em Rio Crespo se organizam e resistem as ameaças do latifúndio

Mais de 40 famílias tomaram as terras do burareiro 119 na linha C-80 em novembro de 2006 no município de Rio Crespo. A área tem 420 alqueires e não possui nenhum registro no cartório de imóveis. Desde que entraram na área as famílias estão sofrendo ameaças de morte por parte do latifundiário Jaime Giacomelli da fazenda Dois Irmãos, que grilou as terras do burareiro 118 e agora quer expulsar as famílias dizendo que a área é dele.

No começo de abril, Jaime, seu filho e um pistoleiro entraram no acampamento armados e dizendo que as famílias vão perder as terras. Chegaram a efetuar disparos para intimidar os camponeses. As famílias já iniciaram a roçada e se preparam para o plantio.

As famílias do acampamento Cafezal em Rio Crespo não vão desistir das terras, pelo contrário, estão dispostas a resistir aos ataques do latifundiário Jaime Giacomelli e seus bandos armados. Recentemente os camponeses da área procuraram a LCP para apoiar na tomada de terra.

Sol Nascente: mulheres prendem dois ônibus da prefeitura

No mês de abril mulheres do acampamento Sol nascente que reivindicavam junto ao prefeito e a secretaria de educação a melhoria das condições no transporte de alunos cansaram de esperar. Dezenas de mulheres bloquearam a estrada durante a madrugada e prenderam dois ônibus da prefeitura afim de que suas reivindicações fossem cumpridas. Os ônibus ficaram presos por um dia inteiro e só foram liberados quando o prefeito assumiu o compromisso de resolver o problema.



Assembleia dos camponeses do Sol Nascente

Os camponeses desta área criaram uma pequena vila, chamada Sol Nascente que já conta com 70 casas, pequenos comércios e escola. São milhares de famílias que vivem na região.



Camponeses no início da tomada de Cujubim

Os camponeses de Jacinópolis 2 são os verdadeiros donos das terras

Desde o ano passado se arrasta o cumprimento da liminar de despejo que recentemente foi suspensa por falta de recursos por parte da viúva do latifundiário. São 33 famílias que há 3 anos tomaram as terras. Estas famílias foram despejadas da região do Rio Floresta e desde aquela época (2004) o Incra prometeu que as assentaria em qualquer área. Os camponeses cortaram os lotes, em 70% deles já têm casas construídas.

Somente este ano a PM foi ao acampamento 3 vezes para tentar intimidar os camponeses, mas não funcionou. Pelo contrário, o povo abriu 30km de estradas e vai produzir 750 sacas de arroz, 300 sacos de milho e 200 de feijão. Sem contar as hortas, criações de animais, plantio de banana e mandioca.

Em reuniões entre o latifundiário Lourival e camponeses da área no início de 2006, o Incra e a Ouvidoria Agrária afirmaram que Lourival não tinha direito as terras e que se os camponeses quisessem poderiam deixar 100 hectares para ele. Os camponeses da área tentaram negociar várias vezes com Lourival, que não só se negou como passou a ameaçar e atacar os camponeses dizendo que poderia perder tudo, mas que mataria todas as lideranças.

No dia 26 de março fez um ano que foram assassinados José (Polaco) e Nélio (Bico de Jaca) e o menino Lucas de 10 anos foi baleado na cabeça. Ele está com a bala alojada na cabeça o que

causou sequelas e não pode retirar, pois pode perder a visão. Sua família enfrenta dificuldades para continuar os tratamentos. O mandante do crime foi o latifundiário Lourival. A polícia de Buritis na época afirmou que os responsáveis foram os pistoleiros do Lourival e depois voltou atrás dizendo que ele não era culpado, isso sem que fosse feita nenhuma investigação. Até hoje os culpados não foram punidos.

Mais de 8 companheiros estão processados pelo Estado, alguns tiveram que pagar fiança para não serem presos. Está tramitando na justiça uma ação contra os companheiros e outra dos companheiros contra o delegado da polícia civil de Buritis,

Iramar e o policial Amazoninha. A justiça parece querer livrar o delegado jogando a responsabilidade no policial.

Em reunião com os camponeses no dia 23 de março, os representantes da Ouvidoria Agrária disseram que nada podem fazer e o que resta ao povo é aceitar o despejo.

O acampamento já sofreu 3 despejos e mais de 10 investidas da PM, sem falar das perseguições do latifundiário. Agora estão decididos a resistir. As ameaças não intimidam, o pior já passou! No caso de despejo vão se espalhar na mata e na serra para impedir a ação da polícia.

Mais uma tomada de terra em Buritis

Entre a fazenda Botelho e a fazenda do senador Amir Lando, camponeses da região de Buritis tomaram as terras próximas do conhecido marco vermelho. Mais de 100 famílias foram mobilizadas, logo de início já cotaram uma extensa área de terra que foi distribuída às famílias. A fazenda Botelho esta ameaçando os camponeses. O acampamento fica entre o rio Formoso e a reserva Bom Futuro, a 40 km de Jacinópolis.

Quem são os bandidos em Jacinópolis?

Jacinópolis é um distrito do município de Nova Mamoré, distante cerca de 370 km de Porto Velho e 75 km de Buritis. Junto de Campo Novo, Rio Branco, Buritis, Rio Pardo, Minas Novas, União Bandeirantes e Jacilândia formam uma extensa região de conflitos agrários que já duram anos sem que a principal reivindicação dos milhares de camponeses que moram e trabalham na região seja resolvida. Ou seja, a regularização das terras.

Nos meses de fevereiro e março de 2007 os jornais Folha de Rondônia e Estadão do Norte (conhecidos por suas vinculações com latifundiários) publicaram matérias mentirosas com os títulos "LCP aterroriza em Jacinópolis" e "LCP dita leis em Rondônia" onde diziam que a LCP invade e desmata áreas ambientais, que realiza "treinamento de guerrilha" e a população da região se sente "aterrorizada". Os jornais se pautaram pela falta de verdade e deturpação dos fatos e inverteram propositadamente a realidade para encobrir os crimes do latifúndio contra os camponeses que vivem naquela região.

Antes da chegada dos camponeses quem dominava a região eram os latifundiários Carlos Schumann, Nenê da Laminadora, Nelson Zimbur, Toninho Samaritano, Geraldo Coletto (Condor) e Nelson Botelho entre outros. Utilizam trabalho escravo, são conhecidamente relacionados com o tráfico de drogas, suas terras foram griladas da União. Só trouxeram morte, terror e desgraça para a região. Este foi o caso das famílias massacradas em Jacilândia na década de 90, de Ozéias Martins e Edilson Ferreira em 2002, de José e Nélio em 2006 e tantos outros. Em um caso, o camponês conhecido como Maninho, já senhor de idade, foi capturado por pistoleiros, torturado, castrado vivo, esquartejado e seu corpo em pedaços foi jogado no rio Jaci. Jamais a polícia fez uma operação para prender os responsáveis. Jamais os jornais retrataram em suas páginas uma única linha sobre a violência destes latifundiários.



Acima José e Nélio (2006) e ao lado Oséias Martins (2002), assassinados brutalmente pela ação de bandos armados do latifúndio.



Jacinópolis: cidade construída pelos camponeses

Mas quando os camponeses se defendem legitimamente destes ataques covardes os jornais se levantam para chamá-los de criminosos.

Os verdadeiros criminosos são os latifundiários que grilaram terras da União, que armam seus bandos e preparam novos assassinatos! São os políticos corruptos de Rondônia que

enriquecem as custas do sofrimento do povo pobre. São os policiais de Buritis que se aproveitam da impunidade para ganhar com o roubo de veículos, tráfico de armas e drogas e recebem soldos para defender as terras dos latifundiários. Os mesmos policiais que atuam em grupos de extermínio na região. Estes são os verdadeiros bandidos!

Quando dos ataques, integrantes da LCP, enviaram notas aos jornais exigindo retratação e direito de resposta,

mas não foram atendidos. Algumas lideranças se diziam preocupadas, pois as matérias indicavam a preparação de novos ataques ao movimento camponês.

Ataques covardes da polícia e do latifúndio

As previsões se confirmaram na madrugada do dia 21 de março quando uma operação conjunta da polícia militar e civil promoveu o terror entre a população de Jacinópolis, mais de 200 pessoas

foram revistadas e humilhadas, várias tiveram suas casas invadidas e reviradas. Participaram ao todo mais de 85 soldados armados com fuzis, metralhadoras e bombas de gás.

O administrador do distrito, Valberto conhecido como "Chapéu" é antigo morador, homem que se dedica a ajudar e dar assistência ao povo, foi humilhado e denegrido pelas forças policiais, teve sua casa invadida derrubado no chão, pisaram em seu pescoço e o algemaram. Os policiais chamaram-no de bandido e perguntaram onde estavam as drogas, assustando suas crianças e sua esposa. Como ele é trabalhador, nada foi encontrado. Mas foi grande a humilhação e constrangimento de sua família e dos moradores que são seus amigos. Valberto ficou algemado por mais de cinco horas sofrendo torturas psicológicas.

Na mesma madrugada os policiais seguiram para o sítio de Sebastião Francisco Sales e derrubaram a porta de sua casa a ponta pés. Sebastião foi algemado, chamado de folgado e bandido na frente de sua esposa e filho,





Ato público de solidariedade e contra a criminalização do movimento camponês realizado na Universidade Federal de Rondônia

reviraram os objetos da casa. Sebastião que toda sua vida foi evangélico respondia: "Deus sabe que não sou o que estão me acusando e vou provar". Nada foi encontrado.

Prenderam seu irmão Alceli, dizendo "é irmão dele, também é bandido", foi algemado na frente da sua esposa e dos três filhos que ao verem o pai choraram muito e pediam para soltá-lo. Alceli pediu que não fizessem isso, que nunca tinha sido preso, "considere o meu filho como filho seu e se coloque em meu lugar". O policial falou: "você me respeita bandido, que o meu filho não é igual filho de bandido. Você mora num lugar deste porque é bandido". Assim o policial respondeu o pai de família, mostrando desconsiderar todo morador desta região.

Ao chegarem no sítio de Derci, ele estava tomando seu café para ir buscar vacas para tirar leite, ele entrega leite na cidade, é muito conhecido e certo com seus negócios. Os policiais gritaram: "parado aí bandido!" Ele não reagiu, foi algemado, derrubado no chão, quando arrancaram sua roupa e começaram a espancá-lo na frente de sua criança e sua irmã. Perguntaram sobre armas e drogas e quanto mais ele dizia que não sabia, mais apanhava. Foi arrastado mais de 30 metros pelo chão até o rio, sofreu mais de vinte afogamentos na água e com saco plástico, teve as costelas fraturadas, a perna desconjuntada na altura do joelho, colocaram uma pistola dentro da sua boca, policiais pisaram e pularam em cima dele, jogaram solvente nas suas costas e continuaram torturando-o durante horas.

Nenhuma destas ações possuía mandado judicial ou mesmo qualquer acusação contra os camponeses. A polícia ainda esteve no acampamento José e Nélio que fica na linha 3 dentro da fazenda Condor e ameaçou os camponeses que se mantiveram firmes. Todas as pessoas atacadas em Jacinópolis são trabalhadores, conhecidos por todos e que moram na região há muito tempo. Nenhum deles é bandido.

Os três irmãos foram levados para Buritis, a polícia tentou impedir que o advogado visitasse seus clientes. Derci estava bastante machucado pelas torturas e espancamentos que sofreu, só foi liberado no dia 29, até hoje não pôde ir ao hospital tratar as lesões, pois está sofrendo ameaças de policiais de Buritis e pistoleiros. Durante sua prisão Derci afirmou que dois pistoleiros entraram na delegacia de madrugada com a convivência dos policiais de plantão. Esta é uma prática comum

da PM de Rondônia quando da prisão de lideranças camponesas: deixar que pistoleiros reconheçam os presos para depois assassiná-los.

Derci foi processado e a polícia continua a agir impunemente na região.

Durante toda a operação 3 encapuzados vestidos com o uniforme da PM foram vistos pelos moradores, sendo que algumas pessoas reconheceram os policiais civis Zé Maria de Buritis e "Pé de Ferro" de Campo Novo como dois deles. O interessante é que o ano passado o delegado Claudionor da polícia civil de Buritis declarou em audiência com a Ouvidoria Agrária que: "quem usa capuz é bandido".

Na última semana de abril policiais civis que fazem blitz nas estradas da região pararam um camponês e sua mãe na linha 2. Após a abordagem a mãe foi levada ao ponto de ônibus enquanto o filho foi conduzido na viatura até Buritis. Ele foi encapuzado e espancado pelos policiais por cerca de 35 Km, fizeram interrogatórios querendo saber quem são as lideranças da LCP. Os policiais afirmaram que estavam agindo fora da lei e que ele teve sorte, pois se fosse o Zé Maria que o tivesse pegado, estaria morto. Ameaçaram o companheiro de morte, caso denunciasse



Dezenas de policiais aterrorizam os camponeses em Jacinópolis

as agressões. Este camponês estava retornando de Buritis onde já havia se apresentado ao delegado Claudionor, mas os policiais não levaram em conta este fato.

Segundo dizem os camponeses, Zé Maria, policial civil de Buritis, é o principal organizador dos grupos de extermínio que atuam na região, também

é conhecido por roubar terras de trabalhadores, expulsando famílias camponesas de seus lotes. Foi assim que ele conseguiu as terras na linha 6 e na BR 421.



Camponeses cobrem o rosto para evitar perseguições da polícia e de pistoleiros



A história dos que vieram para Rondônia em busca de terra

Derci faz parte de uma família de nove irmãos que na década de 70 vieram com seus pais do Espírito Santo para Rondônia acreditando nas promessas de que conseguiriam terra fácil. Tiveram que trabalhar por muitos anos nas terras dos outros para juntar dinheiro e comprar um sítio, mas não foi fácil. Trabalharam na região de Jaru e Buritis. Há mais de 10 anos a família cansou de esperar pela reforma agrária do governo, foram para Jacinópolis.

Derci é bastante conhecido, é fundador do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Buritis, foi um dos que liderou a colonização da região. Há 8 anos cerca de 3.000 famílias, a maioria expulsa de outros lugares, tem chegado a Jacinópolis em busca de terra e trabalho e tem enfrentado malária, sofrem com as perseguições e assassinatos cometidos por pistoleiros de latifundiários. Mas nunca desistiram. Abriam toda a região, dividiram-na em milhares de lotes, construíram pontes, estradas e até uma pequena cidade. Estão desenvolvendo dezenas de comércios e serrarias, linhas de ônibus e o mais importante, produzindo o sustento e conseguindo uma vida melhor para suas famílias.

A reforma agrária do governo faliu de vez

Desde a chegada da frente popular oportunista eleitoreira PT/PCdoB à gerência do Estado temos visto o completo desmascaramento da reforma agrária. Lula que chegou a dizer que se pudesse fazer apenas uma coisa se fosse eleito esta seria a reforma agrária, logo mostrou na prática a quem serve.

No início de seu governo, apesar de prometer, não revogou o decreto de FHC que criminaliza a luta pela terra. Tornou-se garoto propaganda do agronegócio, o novo nome do latifúndio, para esconder sua folha corrida de crimes e exploração brutal do campesinato. Recentemente em encontro com usineiros chamou estes bandidos seculares de heróis nacionais.

O centro da política agrária foi injetar 40 bilhões em financiamentos para a produção mecanizada para exportação, baseada na importação de maquinários e insumos e na existência de extensos latifúndios para produzir soja, laranja, cana etc., culturas que tem os preços controlados pelos países imperialistas. Produção que se assenta muitas vezes em trabalho escravo e servil. O governo ainda isentou o agronegócio de pagar impostos e reduziu o prazo de resgate dos TDA's - Títulos da Dívida Agrária. Já para a chamada agricultura familiar liberou apenas 7 bilhões com o conto do financiamento fácil no Banco do Brasil.



Demagogia: Lula usa boné do MST mas quem recebeu 40 bilhões foi o Agronegócio e para a reforma agrária apenas migalhas.

Criminalização da Luta pela terra

Foi no governo Lula que se criou a Comissão "Paz no Campo", que atuou na mediação de conflitos agrários. Em setembro de 2004 o Ouvidor Agrário Gercino José da Silva, mesmo sabendo que a polícia em Rondônia serve aos latifundiários, chamou os camponeses para se reunirem no quartel da Polícia Militar em Jaru, onde ouviram toda sorte de ameaças dos policiais do tipo "então você é o fulano", "foi bom ver seu rosto", "cuidado, sua vida corre perigo". Em todo o país mais de 260 camponeses foram assassinados em 5 anos, além de centenas de prisões e



Reunião da Ouvidoria Agrária no quartel da PM em Jaru

perseguições, nenhum latifundiário foi preso. O que se viu foram mega operações de forças tarefas de cerco e apreensão da produção camponesa, despejos e desarmamento dos camponeses enquanto os latifundiários criam e defendem abertamente suas milícias armadas.

Traição das direções oportunistas

No início do governo as direções oportunistas do MST, Contag, Fetagro e Pastoral da terra sentaram com Lula e traçaram um plano de assentar 400 mil famílias até 2006. Foi um fiasco, pois o governo de cara cortou verba que seria destinada para o assentamento das famílias para garantir o pagamento das dívidas com o FMI. O Incra maquiou os dados, regularizando assentamentos com mais de 20 anos e reassentando famílias em lotes abandonados por falta de assistência, jogando desta forma os camponeses uns contra os outros. Tudo para dizer que estão cumprindo as metas. Em Rondônia milhares de famílias vivem em acampamentos e nenhuma terra foi cortada. Só no ano passado foram realizadas 47 reintegrações de posse.

As direções oportunistas agiram como principais desmobilizadores dos movimentos sociais, dizendo que não era mais preciso lutar, que o governo atenderia todas as reivindicações do povo, bastava ter paciência. A direção nacional do MST assumirá compromisso com Lula de respeitar a lei e não resistir aos despejos, inclusive saindo antes mesmo da chegada da polícia, como ocorreu na maioria dos casos. O abril vermelho, por exemplo, tem por objetivo radicalizar na forma e no discurso para não perder hegemonia entre as massas, radicalizar para esconder a capitulação perante o inimigo e isolar os que de fato estão enfrentando o latifúndio. Foi assim que João Pedro Stédille principal dirigente do MST, passou 4 anos falando em "pressionar" o governo para acelerar a reforma agrária para depois orientar suas bases a reeleger Lula, defendendo que este seria "melhor" para a reforma agrária.

Mas o que se viu, apesar destes apelos, foi que as massas camponesas seguiram lutando adotando a resistência ativa como única forma de conquistar a terra.

O que fica provado com tudo isso é que através das eleições burguesas não é possível realizar as transformações que o país necessita, pois o Estado burguês-latifundiário e seus gerentes de turno jamais tomarão medidas que prejudiquem as classes dominantes e o imperialismo, principalmente norte americano.

Somente através de uma Revolução Agrária poderemos destruir e varrer passo a passo em todo o país o que de mais atrasado existe em nossa sociedade, que são as relações semi feudais assentadas na propriedade latifundiária, que predominam no campo há séculos e que exigem superação completa.

Camponeses impulsionam a Revolução Agrária

A luta pela terra tem se acirrado nos últimos anos não só em Rondônia, mas em todo o Brasil. A situação de miséria, fome e a falta de trabalho empurram as famílias para tomar terras. A região noroeste do estado que compreende União Bandeirantes, Rio Pardo, Minas Nova, Buritis, Campo Novo, Rio Branco, Jacilândia e Jacinópolis concentra milhares de camponeses que vieram para Rondônia em busca de terra nas décadas de 70 e 80. Estas famílias já passaram por vários lugares e foram expulsas pelo latifúndio tendo que ir em busca de seu sonho cada vez mais longe, hoje não tem mais para onde ir. As terras desta região são palco de disputa entre as Ong's estrangeiras com seus parques ambientais, latifundiários e camponeses.



Camponeses organizados pela LCP tomam as terras da fazenda Condor que tem 45 mil alqueires

Com o discurso de proteção ambiental o governo ataca uma das principais fontes de renda destas localidades, o cerco contra as atividades de extração da madeira representa um sério problema para a economia destes lugares aumentado ainda mais o

Diante da crise do Estado brasileiro não há saída para as massas que não seja através do desenvolvimento da Revolução Agrária e a aplicação de um Programa Agrário nas áreas tomadas do latifúndio baseado em 4 pilares que são:

1. A destruição completa do sistema latifundiário em todo o país e sua entrega aos camponeses pobres sem terra ou com pouca terra.
2. A libertação das forças produtivas eliminando as relações de produção baseadas na exploração do homem pelo homem, como arrendamento, meia, terça, sistema de barracão etc. Desenvolvimento das formas cooperadas de produção e comercialização para fazer frente aos atravessadores e aos monopólios.
3. Estabelecer nas áreas que vão sendo conquistadas o poder político das massas, organizando formas de participação para a tomada de decisões.
4. Realizar a estatização das grandes empresas capitalistas rurais e controle de sua produção e administração pelos trabalhadores.



Através dos grupos de ajuda mútua os camponeses colhem maiores resultados



Grupo de ajuda mútua se desloca para a roça

desemprego, a quebra de comércio. Este problema aliado com o principal motivo do inchaço das cidades que é a enorme concentração de terras nas mãos de poucos, engrossa dia a dia o exército de descontentes e desempregados.

Esses pilares só poderão ser alcançados através de uma frente de classes revolucionárias, baseada na aliança entre operários e camponeses. Só assim resolveremos a principal contradição em nosso país hoje, que é a contradição entre a enorme concentração de terras nas mãos de uns poucos latifundiários e milhões de camponeses sem terra. Completando a primeira etapa da Revolução de Nova Democracia, criaremos as condições para a libertação nacional através da expulsão do imperialismo concluindo a Revolução Democrática em todo o país e transitando de forma ininterrupta ao socialismo.



O imperialismo, principalmente o ianque, o latifúndio e o capitalismo burocrático, são as três motanhas de exploração e opressão que pesam sobre o povo brasileiro. ➡

Portanto o aumento do que chamam de "violência" nas áreas rurais não se deve a existência de organizações camponesas, pelo contrário, é causada pela ação do Estado e do latifúndio que tiram uma a uma as condições de sobrevivência do povo ao mesmo tempo reprimem e perseguem aqueles que não aceitam tal situação e resistem.

Camponeses criam as Assembléias do Poder Popular e Comitês de Defesa da Revolução Agrária

Na região de Jacinópolis os camponeses desde o ano passado criaram as Assembléias do Poder Popular, que são mais do que assembléias comuns, são órgãos de poder onde os camponeses decidem sobre todos os assuntos de sua vida. Nas Assembléias do Poder Popular (APP) os camponeses criam, executam e julgam suas leis de acordo com os interesses da população da área, da região e até do país. Para ilustrar este espírito utilizam uma frase "somente mandando onde vivemos é que poderemos um dia mandar no país".

Os camponeses explicam que estas Assembléias foram criadas pela necessidade de resolver os problemas pelas suas próprias mãos elevando seu nível de organização independente, uma vez que o Estado burguês latifundiário não serve aos interesses do povo pobre.

As APP são realizadas periodicamente, sempre num dia determinado de cada mês. Nas primeiras Assembléias foram eleitos



Camponeses tomam decisões na Assembléia do Poder Popular



Trabalho coletivo

O povo é que deve decidir sobre as estradas, as Escolas Populares para educar crianças e adultos, a saúde, a produção, construção de obras (como pontes, aterros, represas) e também sobre a autodefesa contra as intervenções dos inimigos. O objetivo é envolver todos nas discussões dos problemas e no cumprimento das tarefas.

Na região de Jacinópolis e outras áreas os camponeses já realizaram a construção de estradas e pontes através do trabalho voluntário e coletivo, que são exemplos da ideologia coletiva em que se baseiam as Assembléias do Poder Popular.



Jovens e crianças tem seus direitos e deveres reconhecidos na Assembléia. Na foto: jovens se divertem jogando vôlei em dia de lazer definido pela APP

os representantes da área, que conformaram um Comitê de Defesa da Revolução Agrária, composto pelos mais sérios e honestos moradores do local, uma espécie de órgão executor que no intervalo entre duas Assembléias centraliza e cuida da aplicação das decisões tomadas coletivamente.

É importante destacar que as pessoas eleitas para este órgão têm o mandato revogável a qualquer momento, diferentemente das eleições burguesas onde o povo só decide de 4 em 4 anos, aqui ele decide a todo o momento.

Algumas áreas já elaboraram, debateram e aprovaram coletivamente os estatutos e as normas de funcionamento das Assembléias, assim como os princípios e critérios em que se baseiam, ou seja, as novas leis que devem reger a vida dos camponeses pobres, pequenos comerciantes e trabalhadores assalariados em cada área, enfim da coletividade. Em outras áreas do estado os camponeses iniciam a mesma discussão.



Após decisão na APP grupos de trabalho contrõem estrada

A construção da estrada pelo povo organizado

Há muito tempo os camponeses que viviam isolados na área do Capivari sofriam com a distância que tinham de percorrer para chegar até o projeto Jacinópolis, isso porque a Fazenda Condor impedia a passagem pela linha 3, que seria o caminho mais curto. No ano passado com o surgimento do acampamento José e Nélio parte da fazenda foi tomada e ganhou força entre os camponeses a idéia de criar uma estrada que ligasse as duas áreas encurtando o caminho para centenas de famílias que precisam ir ao distrito para comercializar, tratar de saúde etc. Também a estrada cumpriria o objetivo de isolar a fazenda aumentando o número de camponeses no seu entorno.

No começo deste ano os camponeses das duas áreas se reuniram e traçaram o plano da construção da nova estrada. Logo começaram os trabalhos em duas frentes que se encontrariam no meio do caminho. Mais de 100 homens e mulheres participaram em todas as



Parada para almoço durante construção de estrada que liga duas áreas camponesas



Ponte sobre o rio Jaci construída pelos camponeses de Jacinópolis em 2003

fases da construção desde a arrecadação de combustível, corrente de moto serra, coleta de alimentos nas linhas de Jacinópolis, ação esta que contou com o apoio de todos os moradores da região. Todo o trabalho foi realizado de forma coletiva e assim enquanto uns iam na frente com os moto serras,



Camponeses arrastam um dos pranchões utilizados na ponte

outros arrancavam os tocos menores com enxadão, foice, também havia um grupo da cozinha e outros companheiros que fizeram a segurança para os que estavam trabalhando. Foram feitas algumas pontes devido a existência de pequenos riachos. Em três dias os camponeses conseguiram unir as duas frentes concluindo os 7Km de estrada. Ao final para comemorar o trabalho concluído, os camponeses organizaram uma festa de confraternização onde uma novilha que havia sido doada por um morador foi assada.



Durante construção da estrada pequenas pontes foram feitas para superar os obstáculos naturais.

Hoje a estrada é a principal fonte de acesso de muitos camponeses moradores da linha 3 e BR 421 além de servir a outras pessoas já que é uma estrada feita para todos os que dela precisam.

A conclusão da estrada têm um enorme significado tanto por ter diminuído a distância entre Capivari e Jacinópolis pela metade, facilitando assim a vida de centenas de famílias, como também pela forma como foi discutida, planejada e construída, ou seja, a partir da decisão coletiva entre os camponeses da área.

08 de março

Viva o Dia Internacional da Mulher Trabalhadora!



No dia 08 de março deste ano o MFP – Movimento Feminino Popular convocou um ato em Jarú para celebrar esta data tão importante para os povos em todo mundo e marcar seu verdadeiro significado. O Dia Internacional da Mulher Trabalhadora, o próprio nome diz, é o dia das mulheres que trabalham, labutam diariamente para sustentar sua família, criar e educar seus filhos, para erguer as maiores obras, fazer funcionar as máquinas nas fábricas, colocar o alimento na mesa de cada casa deste Brasil. É o dia das mulheres do povo, fortes, guerreiras, que com os homens do povo produzem toda riqueza, carregam este país nos ombros e não se rendem,



Abertura do ato realizado pelo MFP em Jarú

Logo na abertura foram lembrados os nomes de quatro mártires da luta camponesa em Rondônia: Vanessa, Maria Bonita, Selma e Tonha. Representantes dos movimentos e outros camponeses interviram, todos destacaram a importância da data, da participação ativa das mulheres na luta do povo nos campos e nas cidades, na Revolução Agrária contra o latifúndio e na luta antiimperialista. Quatro camponesas receberam uma simples, mas bela homenagem do MFP: Dona Maria de Souza (Vale do Anari), Dona Rosa (de Cujubim, mãe do companheiro Ruço), Dona Maria (Jarú) e Dona Alzira (sobrevivente da batalha de Santa Elina). Estas antigas companheiras da luta foram escolhidas para representar todas as mulheres que lutaram e lutam até hoje em Rondônia.

Encerrado o ato, iniciou-se uma vibrante manifestação. Os manifestantes organizados em colunas marcharam pelas ruas de Jarú com muitas bandeiras vermelhas, cartazes, faixas e gritando palavras de ordem. Alguns companheiros iam logo atrás da manifestação distribuindo o panfleto do MFP. A maioria da população recebeu de bom grado e admirou a organização e combatividade.



Mulheres, homens e crianças percorreram as principais ruas de Jarú na celebração do dia 8 de março

lutam para derrubar este sistema opressor onde os que mais trabalham são os que menos têm e os que menos trabalham são os que mais têm.

O início do ato foi anunciado com bandeiras vermelhas, canções de luta e brados de luta. Participaram mulheres e homens do povo, camponeses de várias áreas revolucionárias, estudantes e professores de Jarú e Porto Velho. Também estiveram presentes organizações classistas e a imprensa popular.

Na rodoviária dos colonos a manifestação parou para um ato importante: a queima das bandeiras dos Estados Unidos (EUA) e Israel. Os Estados Unidos hoje é a maior potência imperialista do mundo e Israel é uma de suas crias. Eles e mais meia dúzia de países são responsáveis por massacres e misérias na maioria esmagadora dos países e povos do mundo. No mesmo dia 08 de março o presidente dos Estados Unidos, Bush e seu braço direito, a secretária de Estado Condoleezza Rice, chegaram ao Brasil para acertar novas negociações com empresários e o governo lambe-botas brasileiro para saquear ainda mais nosso povo e nossa nação. A faixa que ia na frente da manifestação em Jarú recepcionava os gringos: "Fora Bush e Condoleezza assassinos!"



Faixas repudiam a presença de Bush e Condoleezza no Brasil

Abaixo o feminismo burguês!

A burguesia, os movimentos oportunistas, o feminismo burguês falam que o dia 08 de março é o dia de **todas** as mulheres: as mulheres do povo e as grandes empresárias, as latifundiárias, as deputadas e senadoras, as policiais. Não! As mulheres trabalhadoras não tem nada o que comemorar com estas carrascas do povo.

Um exemplo vivo de porque não devemos unir todas as mulheres é Condoleezza Rice. Ela é mulher e negra, mas isso não a difere dos homens que ocuparam seu cargo anteriormente, pelo contrário. Ela já visitou pessoalmente Iraque, Afeganistão, Palestina e Líbano, sempre se destacando na aplicação das ações imperialistas dos Estados Unidos.

Outro exemplo mais próximo. Em Rondônia temos um fato inédito no país: o comandante geral da PM é uma mulher, a coronel Angelina Ramires. Nem por isso a PM de Rondônia é diferente dos outros estados, trata o povo pobre com a mesma violência e também são fiéis cães-de-guarda na defesa das classes dominantes.

A origem da data já deixa claro o caráter de classe do dia 08 de março. A segunda Conferência de Mulheres Socialistas, realizada em Copenhague, Dinamarca, em agosto de 1910 aprovou a organização de um dia internacional das mulheres, que foi comemorado em datas diferenciadas nos diversos países durante os primeiros anos que se seguiram.

No início de 1917, em Petrogrado (Rússia), sacudida pela fome e pelas dificuldades da guerra, uma grande mobilização de mulheres foi o estopim para um processo de grandes mobilizações e greves. Era o dia 8 de março. Após a Revolução Bolchevique, em outubro de 1917, unificou-se a data de 8 de março para a celebração do Dia Internacional da Mulher Trabalhadora.



Manifestantes queimam bandeira dos ianques, símbolo da opressão aos povos e nações de todo o mundo



Esta e outras frases escritas nos muros de Jarú expressam o desejo dos povos do mundo inteiro

Despertar a fúria revolucionária da mulher!

Mártires da luta camponesa em Rondônia:

- **Vanessa Santos:** tinha apenas 7 anos quando foi assassinada pela polícia e jagunços do latifundiário Antenor Duarte na batalha de Santa Elina, em Corumbiara. Ela lutava com sua família por um pedaço de terra para viverem em paz.

- **Maria Bonita:** ela também foi mais uma das 11 vítimas assassinadas no dia 09 e agosto de 1995, em Corumbiara. Esta companheira não foi identificada e foi batizada pelos companheiros da luta com o nome de uma mulher lutadora da história do povo brasileiro.

- **Selma:** a companheira lutava por um pedaço de terra com seu marido e seus dois filhos na tomada da fazenda Barlati, em Ariquemes. Ela foi assassinada pelo vigia do supermercado Triangulina, em Jarú, quando passava em frente ao comércio, voltando da festa do padroeiro da cidade.

- **Tonha:** ela foi assassinada por pistoleiros junto de seu esposo, Serafim em uma emboscada quando voltavam de uma reunião no Incra em Ariquemes. Eles eram lideranças de uma tomada de terra em Monte Negro.

Resistência Iraquiana: 4 anos de guerra pela libertação

Os EUA estão atolados no Iraque desde março de 2003 quando impulsionados por uma grave crise econômica invadiram o país para controlar principalmente o petróleo da região. De lá para cá já assassinaram cerca de 650.000 iraquianos, os ianques já sofreram mais de 50.000 baixas e gastaram mais de 350 Bilhões de dólares.

Enviaram mais 21.000 soldados para o Iraque e até então, estão longe de conseguir derrotar a heróica resistência iraquiana. Como não conseguem vencer a guerra, o que fazem é manter o país conflagrado para continuar com a permanência de suas tropas enquanto promovem o saque das riquezas, principalmente o petróleo.



Carro de combate ianque é apedrejado pelo povo

A resistência armada do povo iraquiano cresce a cada dia!

Recentemente vários grupos que participam da resistência unificaram o seu comando o que significa um grande salto na luta contra a ocupação. A resistência iraquiana incansavelmente golpeia as tropas assassinas imperialistas. Todos os dias, de norte a sul do Iraque acontecem centenas de ações armadas que visam expulsar o invasor. Até mesmo a chamada "zona verde" em Bagdá, tão propagandeada como sendo área inviolável e imune vem sofrendo seguidos ataques da resistência.

E por mais que os invasores relutem, e enviem mais contingentes de soldados e mercenários, a resistência iraquiana tem prevalecido e está derrotando o inimigo parte por parte. Desde o início da ocupação os imperialistas ianques têm colhido derrotas atrás de derrotas e mais dia menos dia o mundo assistirá os EUA saírem escorraçados do Iraque.

A resistência iraquiana deixa uma grande lição para todos os povos do mundo: é possível enfrentar e derrotar o imperialismo! O imperialismo é um tigre de papel!

O exemplo do heróico povo iraquiano fortalece e inspira os povos oprimidos de todo o mundo a lutar pela destruição do imperialismo.

Morte ao imperialismo!

Viva a heróica resistência do povo iraquiano!

Fora tropas brasileiras do Haiti!



Na Palestina, Afeganistão e Iraque, cresce a resistência contra as tropas invasoras ianques e israelenses

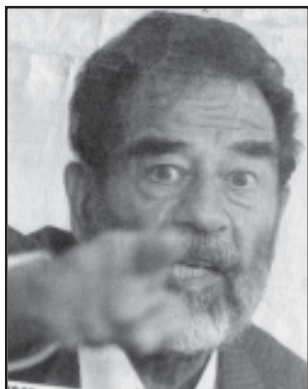


Iraquiano comemora mais uma ação vitoriosa contra as tropas invasoras

O Estado brasileiro gerenciado por Lula, tem se mostrado fiel laçao ao auxiliar indiretamente na ocupação do Iraque, colocando o exército brasileiro para servir de tropa de choque dos ianques no Haiti. Com isso os EUA podem concentrar mais forças no Iraque e com a tranqüilidade de saber que seus interesses no Haiti estão assegurados pelo exército brasileiro.

Porque assassinaram Saddam?

Vimos na mídia toda uma euforia em torno da condenação e assassinato de Saddam Hussein, presidente do Iraque. A condenação e assassinato de Saddam Hussein culminaram um processo de procedimentos ilegais, injustos e inválidos de uma corte fantoche, produto e instrumento da agressão dos EUA.



Saddam: mártir da heroica resistência iraquiana

A ocupação do Iraque e assassinato de Saddam ferem todas as leis internacionais, onde um agressor não pode julgar um prisioneiro de guerra. Os ianques acreditavam que assassinando um líder da resistência iraquiana conseguiria golpear a brava luta desse povo.

O assassinato de Saddam só fez aumentar o ódio do povo contra as tropas invasoras e o transformou em um mártir da resistência, fato demonstrado pelos inúmeros atos e manifestações desencadeadas em sua memória após sua execução.

Comitê de Defesa quer indenização para todas as vítimas

No dia 9 de agosto deste ano completará 12 anos do chamado massacre de Corumbiara. Neste dia mais de 600 famílias foram atacadas violentamente pelas forças policiais de Rondônia, junto com bandos armados de latifundiários. As famílias lutavam pelas terras da fazenda Santa Elina.

O resultado oficial foi de dezesseis mortes, sete desaparecidos, dois recém-nascidos e vários camponeses que faleceram posteriormente em razão das brutalidades e torturas. Muitos seguem com profundas seqüelas físicas e psicológicas que os impossibilitam de trabalhar, vários com balas encravadas no corpo. Outros companheiros estão desaparecidos até hoje.

Desde o ano passado os representantes do Comitê de Defesa das Vítimas de Santa Elina estão se preparando para ir a Brasília reivindicar a indenização para toda as vítimas, tratamento médico adequado, o corte da fazenda e sua distribuição às famílias. Promessas feitas por Lula, então candidato a presidente, quando visitou as famílias logo após os acontecimentos. Hoje passados 5 anos que ele foi eleito nada foi feito.

A decisão de ir a Brasília se deve ao fato de que a OEA - Organização dos Estados Americanos condenou o governo brasileiro a pagar a indenização das vítimas, pois considera os ataques da polícia na fazenda Santa Elina como operação de guerra contra camponeses indefesos sem que houvesse uma guerra declarada no país. O governo adia como

pode o cumprimento desta decisão. No ano passado a Comissão de Justiça e Paz acenou com uma proposta do governo de que somente algumas famílias seriam indenizadas e que as outras teriam que provar que sofreram torturas. Propuseram que apenas uma pequena comissão das famílias participasse das negociações.

A Comissão de Justiça e Paz pensou que os camponeses cairiam em mais uma conversa fiada, mas os camponeses rejeitaram as propostas. Primeiro porque todos os laudos médicos comprovam as atrocidades cometidas pela polícia e jagunços contra os camponeses e cabe ao governo juntar estes documentos. Em segundo lugar as vítimas exigiram que todos recebam as indenizações.

Este ano foram realizadas várias reuniões em Palmares do Oeste, município de Theobroma onde as vítimas lançaram um boletim no qual expõe os motivos da ida a Brasília.

Elegeram uma comissão que ficou responsável por organizar, divulgar e arrecadar os recursos necessários. A idéia é

levar 3 ônibus para Brasília e ficar o tempo que for preciso para resolver o problema.

Como dizem no boletim "*Se Lula está correndo das vítimas, as vítimas irão até Lula para cobrar tudo que ele prometeu!*".



Reunião em Jaru do CODEVISE - Comitê de Defesa das Vítimas de Santa Elina

Companheiro Zé 200, presente!

No dia 14 de maio de 2007, faleceu o companheiro José Vieira de Oliveira, da Área Gonçalo (Theobroma), onde era conhecido com Zé 200.

José tinha apenas 42 anos. Ele nasceu em Jaurú (Mato Grosso) e chegou em Rondônia 26 anos atrás. Ele era camponês e trabalhou muitos anos de diária e empreita em fazendas no Mato Grosso, Acre, Amazonas e Rondônia. Quando ele conheceu o acampamento Gonçalo abraçou com força a luta camponesa por um pedaço de terra.

Em pouco tempo se tornou um dos coordenadores da Área. Ele era calmo, amigo, respeitador. José não pensava só nele, dizia que antes de morrer queria ajudar os companheiros a tomar terra.

Ele deixou mãe, irmã, sobrinhos, deixou ainda parentes em outros estados e uma companheira que tinha na Área Gonçalo, com quem pretendia se casar, assim que pegasse o lote.

Já fazia algum tempo que o companheiro estava doente. Tratou-se por 6 meses em São Paulo, já de volta pegou malária várias vezes. Em três semanas antes de morrer ele piorou, esteve várias vezes em Jaru para consultar. Na última vez, quatro

dias antes de morrer ele não consultou porque não tinha mais ficha.

A família e companheiros não tiveram nem o direito de saber a verdadeira causa e circunstância da morte do ente querido. Fatos estranhos mostram o descaso com o povo. O médico de Jaru não quis assinar o atestado de óbito, que foi assinado por um médico de Ouro Preto. No laudo ainda consta que ele morreu na estrada, a caminho de Jaru, mas familiares de José conversaram com duas enfermeiras que o atenderam no hospital municipal. Elas disseram que ele chegou vivo, foi medicado, mas não resistiu.

José teve o tratamento que o povo pobre tem por parte deste Estado opressor que só sabe sugar os impostos, o suor e sangue do trabalhador e o tratar como um cão. O caso do companheiro é mais um entre milhões pelos hospitais e postos de saúde de todos os cantos do país.

O jornal Resistência Camponesa presta humildemente uma última homenagem ao companheiro José de Oliveira, mais um filho do povo, pobre, trabalhador e lutador. Temos certeza que chegará um dia em que o sonho do companheiro será realizado e toda terra será entregue a quem nela trabalha.

Ruço e Joel são inocentados!

Cai por terra 4 anos de injustiça! *

* Nota da LCP - Liga dos Camponeses Pobres

Dia 04 de abril de 2007 Jarú nasceu mais feliz. Rojões deram a alvorada, dezenas de camponeses, estudantes e intelectuais comprometidos com a luta do povo empunhando bandeiras vermelhas bradaram palavras de ordem. Os camponeses Wenderson Francisco dos Santos, o Ruço e Joel Gomes da Silva, o Joel Garimpeiro, foram inocentados pelo júri popular!

Eles eram acusados injustamente da morte de um pistoleiro do latifundiário Galo Velho. O julgamento que durou 18 horas foi assistido por mais de cem pessoas, entre camponeses vindos de várias linhas e cidades, estudantes e professores de Porto Velho, populares de Jarú e representantes de entidades democráticas.

Ruço e Joel foram muito bem defendidos por advogados pertencentes ao NAP-Brasil – Núcleo de Advogados do Povo do Brasil e à IAPL – Associação Internacional dos Advogados do Povo vindos de outros estados, além de um defensor público de Jarú. Eles derrotaram um a um os argumentos absurdos da acusação, encabeçada pelo promotor público Adilson Donizete de Oliveira.

Seu depoimento foi comovente, várias pessoas choraram ao ouvirem todo sofrimento que ele passou na prisão.

Ele foi preso em agosto de 2003, sofreu todo tipo de arbitrariedades e violência nas mãos do Estado repressor. Foi ameaçado de morte, foi transferido para o famigerado presídio Urso Branco, torturado, baleado, impedido de velar o próprio pai. Juizes rondonienses infringiram a lei em perseguições e ataques contra ele.

Latifundiários tentaram de tudo para condená-los. Além de influenciarem juizes e a polícia, usaram bandos armados de pistoleiros para ameaçar de morte um advogado e lideranças camponesas. Em seus jornais destilaram todo seu veneno em matérias mentirosas contra Ruço e o movimento camponês.

Nas vésperas do julgamento eles ainda tentaram intimidar os camponeses e apoiadores. Pistoleiros ficaram circulando em torno da sede da LCP – Liga dos Camponeses Pobres de Rondônia, em Jarú, viaturas policiais passavam em frente a toda hora. Três companheiros foram presos pela PM enquanto colavam cartazes sobre o julgamento de Ruço. Policiais ligaram para empresas de transportes ameaçando caso fretassem ônibus para camponeses virem dos lotes participar do julgamento. Montaram uma barreira policial em Theobroma para tentar impedir que o ônibus que trazia os camponeses chegasse a Jarú.

Toda esta repressão tem um motivo: Ruço, Caco e Joel lutavam pelo sagrado direito à um pedaço de terra para nela viver, trabalhar e ter uma vida digna com sua família. São exemplos de luta e organização para milhões que amargam a miséria nas periferias das cidades ou são explorados trabalhando nas terras dos outros. Os latifundiários fizeram todo este terrorismo durante 4 anos para amedrontar o povo. Caíram do cavalo!

Galo Velho e todos latifundiários estão se roendo de ódio, tiveram que engolir esta amarga derrota.

Então, o que estava em jogo neste julgamento, quem estava no banco dos réus não eram apenas Ruço e Joel e sim todos os camponeses pobres que lutam de forma combativa por seus direitos. Isto ficou muito claro na estratégia de acusação do promotor, a todo momento ele atacava a LCP de ser organização criminosas, de não ser registrada e ninguém saber quem são os líderes e de ter planejado a morte do pistoleiro de Galo Velho.

Este processo é só uma parte de um complexo plano de criminalização do movimento camponês, perpetrado pelo Estado burguês latifundiário e todos seus comparsas. Tratam como caso de polícia o problema social de milhões assolados pela miséria, fome e morte causados pelo sistema latifundiário em nosso país. Com isso tentam colocar a opinião pública contra a luta camponesa, querem esconder o que acontece nos rincões deste país onde os camponeses trabalham para sustentar o Brasil e lutam para escapar da morte que chega com as malárias ou pelas mãos de pistoleiros a soldo do latifúndio.

Foi a luta organizada de camponeses, estudantes e intelectuais honestos que arrancou Ruço das garras do latifúndio!

Nestes últimos quatro anos foi realizada uma grande campanha pela liberdade de Ruço e pelo fim do processo contra ele, Joel e Caco. Foram dezenas de manifestações e atos públicos, centenas



de milhares de panfletos e cartazes com a foto de Ruço distribuídos, matérias em jornais impressos e na internet, entrevistas em rádios que atingiram cidades de vários estados brasileiros e até de outros países. Uma Carta Aberta colheu mais de 600 assinaturas de cientistas, intelectuais, advogados, professores e entidades democráticas nacionais e internacionais.

Jarú nasceu mais feliz, o Brasil amanheceu com uma vergonha a menos no dia 04 de abril de 2007. A verdade prevaleceu, mas ainda temos um longo e árduo caminho pela frente.

De um lado, os latifundiários continuam atacando os camponeses pobres em luta, suas lideranças e entidades. Seguem com sua campanha de criminalização do movimento camponês combativo. Seguem com os processos contra Caco, Derci e tantos outros camponeses.

De outro lado, os camponeses continuam lutando pela terra e pela Revolução Agrária. Continua a luta contra todos os bárbaros crimes cometidos pelo latifúndio contra os camponeses pobres.

Esta importante vitória em Jarú comprovou que estamos no caminho certo. Aproveitamos para agradecer todas as pessoas e entidades democráticas do país e do mundo que contribuíram de uma forma ou de outra. O movimento de apoio e solidariedade é imprescindível para a luta dos camponeses.

Para alguns, a inocência de Ruço e Joel pode parecer um fato pequeno. Mas não é. Para Ruço, representa sua tão esperada liberdade e para o povo é o prenúncio de grandes acontecimentos na história de nosso país. É o raiar do novo dia que vem vindo, um dia lindo, com terra, trabalho, justiça e liberdade para todo o povo, livre do latifúndio, da grande burguesia e do imperialismo!